



A profissionalidade docente e a formação contínua

Manuela Esteves

mesteves@ie.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa, Instituto de Educação

Introdução

A história recente dos professores e de cada professor foi marcada pela procura de afirmação e reconhecimento da respetiva profissionalidade. Importa refletir sobre se, hoje, necessitamos de a redefinir e em que moldes. Sejam quais forem as respostas a estas questões, a formação contínua, considerada em sentido amplo, será sempre um pilar essencial da construção pretendida e, por essa via, da desejável elevação da qualidade da educação escolar.

O conceito de profissionalidade, introduzido nos anos 90, tem-se prestado a múltiplas e, por vezes, díspares interpretações. Tem, por exemplo, sido frequentemente entendido como o mesmo que profissionalismo, e, nessa situação, tratar-se-ia de um neologismo inútil. Pessoalmente, faço uma distinção e entendo por profissionalidade docente aquilo que é específico da ação do professor e que não admite que tal ação profissional seja desempenhada por um leigo. Em suma: aquilo que faz do professor um especialista em levar os alunos a aprender, que é disso que se trata mormente e não tanto de outras competências certamente estimáveis e, até, necessárias, mas em si mesmas insuficientes.

Significando a profissionalidade uma especialização, aliás complexa, a relação com a formação torna-se óbvia. Trata-se de uma especialização que não se completa num dado momento do tempo porque as realidades sociais, culturais e educativas são dinâmicas.

Atualmente, no quadro das políticas educativas nacionais, os professores estão a ser chamados a agir para o desenvolvimento de uma escola mais democrática e, portanto, mais inclusiva.

Destacamos algumas dessas políticas, a começar pela definição do perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória de 12 anos. Trata-se de um perfil muito desafiador e exigente que, tanto quanto se pôde apurar aquando do debate público, concitou a adesão dos docentes, pelo menos em termos dos ideais que consagra. A concomitante definição de aprendizagens essenciais, sendo um instrumento de trabalho útil, em nada veio diminuir as responsabilidades atribuídas às escolas e aos professores, em inovar e melhorar, tendo no horizonte um maior sucesso educativo. Na mesma ótica, foi concebida e posta em prática uma estratégia (explícita) de educação para a cidadania. Também politicamente, foram consagradas, em novos termos, a autonomia e a flexibilidade curriculares de que se pretende que escolas e professores gozem e façam uso.

Entretanto, surgiram problemas inesperados e a política educativa não podia ignorá-los. Pensamos nomeadamente na necessidade de mitigação dos efeitos da pandemia COVID 19, a suscitar a adoção de medidas de emergência para manutenção das aprendizagens no auge da crise e, posteriormente, para recuperação de aprendizagens não realizadas.

A nosso ver, o elo mais fraco da inovação global que se está a pretender imprimir ao edifício educativo tem estado na ausência flagrante de medidas políticas no campo da formação dos professores. Aparentemente, as autoridades educativas nacionais deixam às instituições de ensino superior responsáveis pela formação inicial e pela formação especializada e aos centros de formação, no caso da formação contínua, a responsabilidade de decidirem que rumos novos a formação deve seguir para tornar os docentes capazes de, em concreto, serem protagonistas conscientes, determinados e seguros de si face às mudanças e inovações desejadas. Neste sentido, sugerimos uma discussão sobre os caminhos a empreender para o fortalecimento da profissionalidade, um diagnóstico aprofundado da especialização profissional que os professores e cada professor já investem no seu trabalho e ações que visem suscitar a curiosidade dos atuais e dos futuros profissionais, levá-los a problematizarem o seu trabalho e a procurarem formas de o melhorar

Importa que a formação - tanto a formalizada em projetos e ações, como a não formal que ocorre com o exercício profissional, ao trabalharmos com os alunos e os pares, e ao participarmos na vida de uma dada escola e de uma dada comunidade, como ainda a

formação informal - todas contribuem para uma permanente construção e reconstrução da profissionalidade docente.